

A charlatanice política e as conseqüências da vida

Nenhum cidadão do mundo Ocidental mais evoluído — talvez nem mesmo o dos países socialistas, que estão passando por sensíveis mudanças — é tão sordidamente explorado pelo aparelho governamental e pelo mundo político em geral quanto o brasileiro. Em função de seu baixo nível de instrução — já uma conseqüência dessa exploração — o cidadão brasileiro comum, incapaz de defender seus legítimos direitos, é uma vítima constante dos senhores que dominam as máquinas políticas e administrativas do Estado. Nada do que se faz no Brasil hoje nessas duas esferas é feito em função do cidadão; as ações oficiais visam apenas aos interesses dos políticos e da burocracia.

Exemplos disso registram-se diariamente, aos borbotões. Neste momento mesmo estamos diante de dois casos bem ilustrativos.

Um é o caso do preço dos combustíveis. Os preços do petróleo estão caindo vertiginosamente no mercado internacional há algum tempo; depois de haverem atingido um pico de trinta e tantos dólares o barril, eles já chegaram nos últimos dias a menos de dez dólares o barril. Quer dizer, a Petrobrás está pagando hoje três vezes menos do que já pagou pelo petróleo importado que usa para produzir gasolina, diesel, querosene. Por outro lado, o Tribunal Federal de Recursos considerou inconstitucional o empréstimo compulsório de 28% sobre o preço dos combustíveis que vem sendo cobrado desde 1986.

Diante desse quadro, que altera a estrutura de custos do produto e da empresa que tem o monopólio de sua produção, o governo poderia enfrentar a questão sob três ângulos distintos: o do interesse da Petrobrás, que é o de aumentar o seu faturamento e lucros; o do interesse do consumidor que é, naturalmente, o de pagar menos pelos combustíveis; e o do interesse da política da luta contra a inflação. Estes dois últimos, como é óbvio, se confundem, uma vez que o consumidor, como cidadão brasileiro, tem todo o interesse na redução dos índices de inflação.

A opção, como acontece sempre, foi a que atende aos interesses exclusivos da empresa estatal. O governo não só não considerou os interesses do consumidor como ainda vai mais longe na sua agressão: já anunciou que este mês irá aumentar antes do tempo a gasolina, o álcool e o diesel para reduzir os rombos da Petrobrás. Há anos vimos dizendo aqui que o velho **slogan** dos nacionalistas dos anos 50 — "O petróleo é nosso" — deveria ser mudado para um outro mais apropriado para a realidade e o poder da Petrobrás — "O Brasil é nosso". Porque, na verdade, não é a Petrobrás que está a serviço do Brasil, mas o Brasil que está a serviço da Petrobrás.

O outro caso é o empenho dos governadores estaduais em desmontar a política de austeridade proposta pelos ministros da Fazenda e do Planejamento para tentar conter a inflação que está levando o povo ao desespero.

Como disse judiciosamente esta nova **revelação** da política brasileira, o governador de Minas, Newton Cardoso, "a continuar a atual crise, não haverá eleições presidenciais em 1989, o povo, as ruas, a fome e o impasse não vão permitir". Concordamos em gênero, número e grau com ele: tudo isso está dito em nosso editorial de sexta-feira passada quando, inclusive, lembramos que na Argentina e no Peru, que vivem crise semelhante, por razões absolutamente idênticas — a total incompetência dos que governam — já são abertos os rumores de um golpe de Estado. É absolutamente impossível instalar-se uma democracia sólida em um país com uma inflação na altura em que está a que nos assola, uma inflação dessas destrói as estruturas do Estado, mina totalmente o organismo econômico e permite maluquices — ou escabrosidades — como a que aconteceu quinta-feira quando o Banco Central elevou a taxa de juros para 50% ao mês.

E, no entanto, quando os senhores governadores são convocados pelos ministros da área econômica para fazerem os mesmos sacrifícios que todos os brasileiros já estão fazendo há tantos anos, como única forma de domar o "dragão" inflacionário, eles se recusam terminantemente a colaborar. Em nome de quê? Quem responde é o governador Orestes Quércia, com o cinismo que é fruto da certeza da impunidade: "Se as coisas continuarem como estão, haverá prejuízos para todos os Estados comandados por governadores do PMDB. Eles não vão conseguir realizar as obras que planejam e **isto prejudicará o partido nas eleições do ano que vem**" (grifo nosso).

O que isso demonstra é que um país que tem a moeda aviltada ao ponto em que está a moeda brasileira é um país que tem não apenas a sua soberania aviltada, mas tem também a moral pública e privada aviltadas, como o demonstra todos os dias o panorama político e social nacional. É porque não há instituições políticas democráticas que possam resistir a uma inflação das proporções desta que flagela a sociedade brasileira que é risível — e cínico como tudo que ele diz e faz — o argumento do governador paulista de que eles não poderão construir obras se não tiverem mais dinheiro. Mesmo que o preço a pagar para debelar esta inflação fosse a paralisação de obras públicas durante muitos anos em todo o território nacional, ainda assim valeria a pena pagá-lo sem hesitações.

O sr. Orestes Quércia é o **figurino** de todos os de sua classe: para os políticos, governantes e burocratas (e seus amigos), as vantagens, ou seja, as condições necessárias para que tenham êxito em suas carreiras de profissionais da política ou de charlatães da política. Para a sociedade civil — brasileiras e brasileiros sem instrução suficiente para perceberem a charlatanice de que são vítimas incautas — as contas a pagar.

Este princípio está bem ilustrado neste obscuro episódio do Banco Central — que esperamos que não se encerre com a ridícula punição do menor responsável por ele — no qual, em um só dia, brasileiros e brasileiras tiveram sua conta acrescida de 30 bilhões de cruzados, que foi quanto aumentou a dívida interna do governo com a brincadeira.

O que os personagens dessa ópera bufa que corre o risco de se transformar em tragédia, que é a nossa vida política, estão esquecendo (foi lembrado meio sem querer pelo governador mineiro) foi tema musical de famoso filme da Metro da década dos 50, **Cabin in the ski**, cantado por famoso **crooner** da época chamado Rochester: "**Life is full of consequences**". Mesmo num país com um povo tão ingênuo como o brasileiro.

É incrível que eles já tenham esquecido disso, quando 1964 foi ontem.